

RESGATANDO O SENTIDO HISTÓRICO- EDAGÓGICO DO PENSAMENTO NIETZSCHIANO

LILA XAVIER

Introdução

O presente trabalho pretende analisar a filosofia nietzscheana numa perspectiva pedagógica, considerando, principalmente, suas críticas aos “*métodos antinaturais de educação*” propagados pelo sistema educacional alemão.

Nietzsche não admitia e se recusava terminantemente a considerar a atividade educativa-criadora como uma obrigação intelectual, cuja finalidade era a formação de homens tanto quanto possível úteis e rentáveis à sociedade. Para ele a educação tinha outro caráter, devia ter em mente a formação de personalidades harmoniosamente amadurecidas e desenvolvidas. Acreditava na educação como um dos meios de desenvolver a vontade de potência latente nos homens estimulando-o a ser tal como é e não como deveria ser.

O ponto de partida para a reflexão do pensamento nietzschiano foi o fato da filosofia provocar “*um sentimento de alegre liberdade, como se o homem se pusesse sobre a ponta dos pés e, graças a um júbilo interior, fosse obrigado literalmente a dançar*”. (Nietzsche, 1878) Usufruindo dessa liberdade e de posse de seus livros que ensinam a dançar, recortei, os aspectos que reforçam a idéia de Nietzsche como educador, bem como de procedimentos pedagógicos, ou de técnicas libertadoras que assumirão o desafio de educar o homem para serem “*águias*”, com instintos, habilidades e sentidos aguçados para enfrentarem os perigos de frente. De posse dos recortes não intentamos torná-las exequíveis, no nosso tempo, ou aplicá-las de modo excessivamente sistemático, pois esbarraríamos nos limites impostos pelas tendências pedagógicas centralizadas, nas idéias que pregam a racionalidade e a produtividade do sistema e do trabalho.

De um lado, há a nossa realidade, o nosso tempo, com valores, costumes, ideais constituindo a identidade de nosso povo, elementos que devem ser preservados como o cerne de qualquer projeto educativo; de outro, ainda temos as exigências socioeconômicas que determinam necessidades, de condições de vida, de mercado e de trabalho no contexto das quais o cidadão deverá se desenvolver e se educar.

Como desvencilhar-nos de todos estes indicadores para nos concentrarmos em nossa formação humanística em detrimento às necessidades mercadológicas?

São, aspectos a considerar, mas que não invalidam a análise e o substrato de Nietzsche como educador.

Com base nessas premissas, enfocamos as dificuldades históricas com as quais o nosso sistema educacional vem se debatendo, seja nas questões de gerenciamento das instituições escolares, seja na formação inadequada de nossos professores ou nas questões curriculares.

O fato é que nossas escolas procuram educar o homem para desenvolver apenas o instinto da tartaruga, que se caracteriza por ensinar o medo, a submissão às normas, às instituições, ao Estado. Não tem o instinto da águia, por isso não é capaz de alçar vôo por cima das montanhas das dificuldades, ou de afiar suas garras e atacar aquilo que seja considerado como inimigo. O pensamento nietzschiano é um convite ao homem de permanecer ao lado da vida e jamais “*fugir à vida*”, sejam quais forem as circunstâncias.

O desenvolvimento do pensamento pedagógico moderno está voltado para a prática que atribui condições ao homem de ser o que deve ser, ou seja, a escola terá como função elevar a consciência de força de todos os jovens, fazendo triunfar em cada um a vontade de potência.

No seio do artigo, faz-se uma alusão ao tipo de educação, defendida por Nietzsche, que implica no reforço a “*vontade de poder*” ou seja vai oferecer todos os recursos que façam o homem viver acima do bem e do mal, do certo, do errado, e sobretudo das instituições e do Estado.

A criação do super-homem ou do pleni-homem pela escola ou não, ainda suscita muita polêmica.

O certo é que a criação do homem perfeito serviu de premissa para o surgimento da “*pedagogia da existência*” que é o resultado de uma luta travada para mostrar a profundidade ignorada no processo educativo e revelar a sua ligação com a vida real além de manifestar uma revolta a submissão do homem, aos valores e aos dogmas tradicionais e eternos.

O pensamento de Nietzsche tornou-se ponto de partida da “*pedagogia da existência*”, por ter sido considerado como o precursor da filosofia da vida. Nesse contexto, considerou-se o fato de Nietzsche ter colocado abaixo uma lista de “preceitos morais” os quais considerava uma criação da fraqueza e do ressentimento, defendendo assim uma educação que formasse a “*vontade de poder*”. O bem e a verdade para Nietzsche são barreiras erguidas pelos fracos contra a audácia dos fortes.

A obra de Nietzsche pretende sacudir-nos, arrancar-nos deste torpor, mostrando-nos as maneiras pelas quais negamos cada vez mais a nossa humanidade, submetendo-nos, em vez de nos afirmarmos. O seu objetivo é lançar as bases de uma nova ética, acessível aos “*homens que se obtêm*” – homens superiores que alargarão até os outros, aquilo que conquistaram penosamente, cauterizando em si a herança de uma civilização desvirtuada.

“Nietzsche Educador”

Experienciando a função de professor na escola secundária e na Universidade de Basiléia, revelou-se um educador, preocupado com o futuro de seus alunos, dentro de um sistema alienante. Nietzsche percebeu estar diante de um sistema educacional que abandonara o objetivo primordial da formação humanista em proveito de uma formação cientificista. Para Nietzsche isso constituía-se na vulgarização do ensino, pois esse sistema formava homens úteis e rentáveis socialmente, mas jamais personalidades harmoniosamente amadurecidas.

Ao fazer esta constatação NIETZSCHE começa a denunciar os “*métodos antinaturais de educação*”. *Afirma que educação e cultura são inseparáveis, ou seja “não existe cultura sem um projeto educativo, nem educação sem uma cultura que o apóie.”* (Dias, 1993, p. 17)

A concepção historicista que caracteriza a educação das escolas alemãs favorece a origem de uma pseudocultura, que nada mais é do que o simulado de outras culturas. Nessa perspectiva, cultura e educação são sinônimos de “*adestramento coletivo*” e “*formação de si*”. O ideal nietzschiano busca o pensador:

“que passeia livremente pela vida e recusa a considerar a atividade criadora uma obrigação intelectual e que para fecundar a si e aos outros, suprime o hiato existente as mais das vezes entre conhecer o viver”. (Souza, 1978, p. 413)

Nietzsche não poupou suas críticas ao ensino ministrado aos jovens no *Gymnasium*, principalmente no aspecto concernente ao ensino da língua alemã. Achava que os professores deveriam ensinar os jovens a escreverem bem, ao invés de se preocuparem em analisar a língua como se esta fosse um corpo.

Na Universidade, critica principalmente o “*método acromático*”, considerando inaceitável que um ensino se caracterize essencialmente pela exposição oral do professor e pela participação pouco expressiva do aluno. Já nesta época, Nietzsche acreditava que ensinar é *propor desafios*, devendo se abominar o ensino que não vivifica e o saber que esmorece a atividade.

Acreditava que o educador devia educar-se incansavelmente; adquirir capacidade crítica pessoal, compreendendo a si mesmo, construindo e reconstruindo velhos conceitos e paradigmas. Afirma ainda que “*cada conquista, cada passo adiante no conhecimento, é consequência da coragem, da dureza consigo, da limpeza consigo... nitimur in vetitum*” (Lançamo-nos ao proibido) – (Nietzsche, 1986, p. 40 e 41)

Nietzsche é eminentemente um educador, mas não um educador tal qual o conhecemos, na figura do velho repositório de conhecimentos prontos e acabados. Educador aqui tem uma outra conotação, é aquele que propõe tarefas que desenvolvam o raciocínio, o pensar, o inteligir. E NIETZSCHE como educador, propõe uma série de técnicas libertadoras, levando-nos ao paradoxo

de pensar que a sua influência importa mais que a sua obra. Em Gaia Ciência exclamou: “Para que serve um livro se não for capaz de nos transportar além dos livros?” Parafraseando o próprio Nietzsche indago: Para que serve um professor se este não for capaz de formar indivíduos aptos a exercer plenamente todas as potencialidades de seu espírito?

Nietzsche experienciou atitudes como estas, é o que revela quando afirma:

“Em Leipzig, limitei-me a observar como se ensina, como se transmite aos jovens o método de uma ciência. Também me esforcei em aprender como deve ser um mestre, e não estudar apenas o que se estuda na universidade. Meu objetivo é tornar-me um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo, despertar nos jovens a reflexão e a capacidade crítica pessoal indispensável para que eles não percam de vista o porquê, o quê e o como de uma ciência” (Nietzsche, 1975, p. 132).

Nietzsche insistia no desenvolvimento do senso crítico e da atividade criadora de cada aluno, incitava os alunos a exprimirem livremente suas opiniões, incentivava-os a fazerem suas leituras pessoais e as controlava freqüentemente. Não precisava castigá-los, porque punha para trabalhar mesmo os alunos mais relapsos¹.

Segundo Nietzsche todo homem deveria pelo menos uma vez na vida se dar ao trabalho de consagrar ao estudo, um ano inteiro, fazendo da noite o dia. Acreditava que chegaria um dia onde todos teriam um único pensamento: Educação. Como professor tinha uma postura clássica, não considerava sua turma como um bloco, ou uma classe ou um rebanho, mas como jovens individualidades, considerando as características e peculiaridades pessoais de cada um. A forma como tratava cada aluno, a maneira de abordar alguém, de cumprimentá-lo era realmente harmoniosa, levava em consideração as limitações de cada um e ficava feliz quando via o progresso dos seus pupilos.

Preparava os alunos para serem de fato livres, e ao serem chamados a opinarem, Nietzsche os incentivava a falarem espontaneamente, sem recorrer às anotações.

Incentiva seus discípulos a vencerem o medo, a insegurança, a timidez, a vencerem os desafios. Um de seus maiores objetivos era de estimulá-los para uma atividade pessoal, além disso, *“o pensador nietzschiano é o Peregrino, o Wanderer, cuja sombra se projeta pelos quatro cantos e nunca vende a alma ao estável, ao tranqüilo, porque deseja manter-se fiel ao desconhecido, enfrentando-o com a coragem da aventura.”* (Claret, 1997, p. 30) Educação deve

¹ Depoimentos como estes foram extraídos do livro de Geneviève Bianquis, Nietzsche Devant ses Contemporaines e da Biografia de Nietzsche por Curt Paul Janz.

ter esse caráter, segundo as concepções nietzschianas. A educação é portadora de valores, graças ao qual o conhecimento se encarna e flui no gesto de vida.

Na perspectiva de Nietzsche, a cultura só pode nascer, crescer, desenvolver-se a partir da vida e das necessidades da vida. Uma história, um pensamento que não serve para engendrar a vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis àqueles que querem manter a ordem estabelecida e o marasma da vida cotidiano.

Nietzsche pretendia educar seus alunos para agirem e viverem a liberdade. Para isso, não poderiam ser meros cumpridores das leis ou dedicados executores dos deveres. Precisavam ir além dos muros escolares e das próprias idéias de seus mestres para se alcançarem ao desconhecido, dando razão os instintos e sentimentos, rompendo os limites da moral e dos “*bons costumes*”. Em suas ações, deveriam unir pensamento e vida real. Encontravam alegria na busca e na transitoriedade, procuravam ver de diferentes pontos de vistas os contrastes que a própria vida lhes oferecem.

Nesse contexto, considerava ser necessário uma disciplina austera, elemento importante no processo de crescimento e na formação de homens completos, tanto intelectual, quanto fisicamente.

A busca de conhecimento impõe uma vontade severa, mas o educando deve estar atento para não acumular um saber dissociado da vida. A árvore do conhecimento não pode estar separada da árvore da vida. Dessa forma a juventude teria condições de criar uma humanidade rica e transbordante de vida.

Nietzsche tinha aversão pela cultura enciclopédica e livresca com as quais alguns professores pretendiam educar seus alunos visando promover o “homem teórico” que acreditava dominar a vida pelo intelecto, separando vida e pensamento, corpo e inteligência. Em lugar de colocar o conhecimento a serviço de uma melhor formação de vida, coloca-o em função de si próprio, de criar mais saber, independentemente do que isso possa significar para a vida. Ao analisar um estudo dos pré-platônicos, Nietzsche percebeu o quanto era inútil à vida a compulsão do saber, a qualquer preço.

A filosofia educacional nietzschiana está ancorada nas experiências de vida dos indivíduos, onde os modos de vida inspiram maneiras de pensar e os modos de pensar criam maneiras de viver, tornando-os capazes de recriar a vida a partir de suas experiências. Nessa proposta NIETZSCHE convida os jovens a educarem a si mesmos, de tal modo que se desfaçam de seus hábitos e principalmente da educação que lhes fora inculcada.

Enquanto Educador, Nietzsche critica os historiadores de sua época, vendo neles seres empanturrados de saber, meros expectadores do passado e não criadores de vida e cultura. Tais historiadores “*condenam tudo o que vive, a viver o último ato*”. A cultura histórica padece de uma crença paralizante. Esse sentimento de inércia, de desesperança ensombrece toda a educação e cultura superiores e impede que o novo venha a existir.

Nietzsche não pretendia negar o sentido histórico da vida, mas de conter o seu domínio, de conduzi-lo a uma justa medida. Para ele o artista, homem

ativo por excelência, não deixa que a massa do saber histórico o submerja, porque sabe que ele retiraria de si o único poder que lhe cabe na terra: o da criação. Ele acreditava ser necessário conhecer a “força plástica” de um homem, de uma nação, de uma civilização, quer dizer, a capacidade de crescer por si mesmo, de transformar e de assimilar o passado e o heterogêneo de cicatrizar suas feridas, de reparar suas perdas, de reconstruir as formas destruídas.

Seguindo a máxima de Stendhal que aconselha a fazer a entrada na sociedade com um duelo, Nietzsche escreve quatro textos polêmicos os quais chamou de “Considerações Extemporâneas”. Tais textos foram inspirados em um projeto nitidamente educativo, pois lhe parecia suficientes para alertar e advertir a juventude sobre aspectos importantes de sua vida.. Se não, vejamos:

1ª Extemporânea – “David Strauss, o Devoto e o Escritor” – Nietzsche ataca as idéias e a forma da obra de STRAUSS: “A antiga e a nova fé”. Mas, ao criticá-lo, é a cultura alemã que NIETZSCHE visa, cultura que a seus olhos, nada tem de próprio, *“sendo desprovida de sentido, sem substância, sem meta, uma mera opinião pública.”*

2ª Extemporânea – “Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida”. Aqui Nietzsche denuncia o enfraquecimento da cultura causado pela expansão sem limites da “ciência histórica”, que estaria esterilizando a vida.

3ª Extemporânea – “Schopenhauer como Educador” – Exalta a existência de Schopenhauer enquanto filósofo, capaz de fornecer um exemplo e servir como modelo para os que pretendem educar-se. Insiste no papel crítico da filosofia e no seu poder de transformar a ordem estabelecida.

4ª Extemporânea – Richard Wagner em Bayreuth – Critica os mercenários da arte – os empresários gananciosos, o público ávido de prazer e de diversão, a mediocridade e a presunção dos artistas que transformavam a arte em mercadoria de luxo.

A tese principal de Nietzsche quando este se referia a educação era a de que o verdadeiro educador deveria se tornar o libertador de seus alunos, ou seja, deveria criar condições para que o educando consiga torne-se o seu próprio educador dizia:

“ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisas passar para atravessar o rio da vida, ninguém, exceto tu, somente tu. Existem, por certo, inúmeras veredas e pontes e semideuses que se oferecerão para levar-te do outro lado do rio; mas isso te custaria a tua própria pessoa: tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho, por onde só tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o”.

Nietzsche não se conformava com o preconceito de que adquirir cultura significaria necessariamente capacitar os indivíduos a ganharem dinheiro

para então serem jogados no mercado de trabalho. Segundo Nietzsche tal pensamento seria o grande empecilho para a humanidade na criação dos grandes homens. Por que se dedicar a alguns, quando o objetivo da educação deve ser o desenvolvimento de todos?

Não há dúvida quanto à singularidade do homem, por isso mesmo os sistemas educacionais devem encorajá-lo a viver segundo sua própria lei e medida e estimular cada um ousar ser ele mesmo, pois é preciso o triunfo sobre si mesmo, isto é, o homem precisa estar sobre a natureza que lhe foi inculcada e o tornou inepto para a vida. Ele deve respeitar uma única instituição: sua própria alma.

Como filósofo-educador e “médico da cultura”, Nietzsche adotou a vida como critério fundamental para todos os valores da educação, tendo sido ele próprio um exemplo de educador.

Escolas para a “Formação de Tartarugas”

As escolas vêm sendo submetidas a alguns problemas sérios, seja pela incompetência de gestão, seja pelos programas de formação de professores, seja pela inadequação e desatualização dos currículos e principalmente por preparar os escolares para um mundo que já não existe.

Do ponto de vista pedagógico, nossas instituições escolares são idênticas às de 100 anos atrás. Alunos confinados numa sala, frente ao quadro-negro, e professores recitando textos e normas de conduta moral.

As transformações nesse meio, vêm ocorrendo, é claro, se bem que em passos mínimos. O fato é que nossas escolas ainda estão à margem da grande revolução tecnológica que se vislumbra em todos os setores da vida humana. A utilização dos satélites e dos computadores nos diversos setores é amplo, mas tais recursos encontram as escolas em plena era pré-Gutenberg. Por uma ironia histórica, a “Galáxia de Gutenberg” contaminou tudo, menos grande parte de nossas escolas, onde se previa sua maior influência.

Espera-se que a parcialização ou fragmentação dos conteúdos, a especialização dos professores e o condicionamento dos alunos, elementos característicos da educação tradicional cedam lugar para a busca da integralidade do homem através da diversificação de procedimentos de forma que haja um engajamento real do indivíduo à vida.

Neste sentido, é oportuno que passemos a refletir sobre as obras do filósofo Nietzsche, sobretudo as que fazem referências ao sistema educacional da Alemanha. Se observarmos atentamente veremos quantas semelhanças há entre este sistema, muito criticado por Nietzsche e o nosso, brasileiro. Sua obra, então deve ser tomada como ferramenta propulsora das mudanças que sonhamos ocorram dentro de nossas escolas, principalmente no que diz respeito à postura de nossos mestres, de nossos professores diante de seus discípulos.

Mudanças nesse sentido, poderiam alterar a idéia de que os alunos devam capacitar-se para terem mais acesso aos bens de consumo, ao “vil metal”, tendo dessa forma acesso aos bens culturais.

Nietzsche combate, com veemência, a difusão inescrupulosa dos ditos bens culturais e os interesses imediatos que ela visa satisfazer, para ele a cultura consiste no trabalho árduo e penoso de cultivo do próprio espírito, igualmente entende que a educação tem de levar ao desenvolvimento integral e harmonioso de todas as capacidades do indivíduo.

Para isto ocorrer de fato em nossas escolas, precisaria haver todo um trabalho de desconstrução, ou seja, precisaria se desvincular a produção cultural de qualquer intenção utilitária e a formação do indivíduo deveria ser livre de qualquer objetivo prático.

Isto seria possível? Vislumbrar possibilidades de transformações educacionais dentro da realidade economicamente opressiva que enfrentamos, talvez não seja fácil. Mas penso que seja possível!

Primeiramente nosso professor deveria deixar de ser “*como o cão de Pavlov: que quando toca a campainha começa a ‘salivar’*”... (Lima, 1982, p. 23) ou seja o professor, ao toque da campainha, começa a falar, falar, a dar a sua aula. Geralmente são conteúdos sem a menor significação para os alunos e completamente descontextualizados da realidade onde estes estão inseridos. O pior é que, quanto mais “eficiente” nessa arte, mais débeis produz.

Nesse caso, o professor deve sair das prescrições pedagógicas que viraram senso comum e assumir com fervor os princípios da escola nova, fugindo da pedagogia oficial que prega a racionalidade e a produtividade do sistema e do trabalho, com ênfase ao tecnicismo (meios).

De acordo com o pensamento nietzschiano as novas gerações deverão educar-se a si mesmos e contra si mesmas – isto é, terão de formar novos hábitos e uma nova natureza, devem desfazer-se de sua primeira natureza, ou seja, devem forçar a ruptura com aquilo que lhes foi inculcado ano após ano, pois os valores que todos devem buscar não estão no conhecimento que podem adquirir, mas na qualidade de vida que podem sugerir, pois o saber não pode estar dissociado da vida.

O maior desafio do aluno é a autossuperação, é a desconstrução de valores ortodoxos que não impulsionam o ato recriador da própria vida. Além disso deve ousar ser ele mesmo, com todos os seus elementos constitutivos, bons ou maus. Deve acreditar ser ele o criador dos valores, para isso precisa esquecer sua própria criação e ver nesses valores algo de “transcendente”, de “eterno” e “verdadeiro”, pois “*os valores não são mais do que algo humano, demasiado humano*”. Deve compreender que o mundo passa indefinidamente pela alternância da criação e da destruição, da alegria e do sofrimento, do bem e do mal. O aluno deve perseguir o objetivo de ser “grande”, de ser uma ponte e não um fim; pois “o que pode ser amado no homem é que ele é um passar e um sucumbir”.

Diante do exposto, como transformar nossas instituições escolares para acolher o novo homem que há de vir?

As escolas devem ter objetivos bem explícitos, no sentido de não só realizarem a elevação intelectual dos jovens alunos, mas possibilitar a todos os outros, do mesmo caminho, que ultrapassem a visão do “senso comum” de mundo, que possibilitem-lhes a construção de pensamentos válidos, de ações socialmente necessárias e que os conduzam a um compromisso de ação, em função de um envolvimento a uma concepção de mundo, claramente explicitada.

Nietzsche teceu graves críticas à civilização ocidental, dizendo que:

“ela educa os homens para desenvolverem apenas o instinto da tartaruga. A tartaruga é o animal que, diante da surpresa, diante do perigo, recolhe a cabeça para dentro de sua casa. Anula assim todos os seus sentidos e esconde, também na casca, os membros, tentando proteger-se contra o desconhecido. Este é o instinto da tartaruga: defender-se, fechar-se ao mundo, recolher-se para dentro de si mesma e, em consequência, nada ver, nada sentir, nada ouvir, nada ameaçar.” (Rodrigues, 1984, p. 110)

Neidson Rodrigues ainda afirma que:

“formar boas tartarugas parece ter sido o objetivo dos processos educacionais e políticos de educação desenvolvidos no mundo ocidental nos últimos anos. Temos educado os homens para aprenderem a se defender contra todas as ameaças externas, sendo apenas reativos. Ensinamos o espírito da covardia e do medo”. (Rodrigues, 1984, p.110)

Propõe ainda que eduquemos o “homem para desenvolver o instinto da águia. A águia é o animal que voa acima das montanhas, que desenvolve seus sentidos e habilidades, que aguça ouvidos, olhos e competência para ultrapassar os perigos, alçando vôo acima deles. É capaz, também, de afiar suas garras para atacar o inimigo, no momento que julgar mais oportuno.” (Rodrigues, 1984, p. 110)

Segundo as concepções nietzschianas, pode-se, claramente concluir que nossas escolas vêm de fato “ensinando às nossas crianças que se recolham para dentro de si e percam a agressividade, sentimento que impulsionalará tais crianças a alçarem vôo diante da indignação que nos assalta, propondo soluções alternativas para os problemas que nos afligem.” (Rodrigues, 1984, p. 111)

“Temos ensinado às nossas crianças que os nossos instintos são pecaminosos. A parte mais rica do indivíduo, que é a sua sensibilidade – sua capacidade de amar e de odiar, sua capacidade de se relacionar de maneira erótica com o mundo – tem

sido desprezada. Temos ensinado o homem a ser obediente, servil, pacífico, incompetente e depositar todas as suas esperanças num poder maior ou no fim das tempestades”, é o que Rodrigues. (1984, p. 111)

Nietzsche reitera este pensamento ao afirmar que “os homens não têm que fugir à vida, como os pessimistas, mas como alegres convivas de um banquete que desejam suas taças novamente cheias, dirão à vida: uma vez mais.”

Educação e vontade de potência

Através do desenvolvimento do pensamento pedagógico moderno, a prioridade deve ser dada às concepções que atribuem a educação a função do encontro do homem ao que ele deve ser.

Na concepção nietzschiana, seria elevar a consciência de força, pois isso geraria o super-homem. Esse super-homem não deve ser entendido como um ser cuja vontade “deseje dominar”, pois o forte, é aquele em quem a transmutação dos valores faz triunfar o afirmativo na “*vontade de potência*”. O negativo subsiste nela apenas como uma agressividade própria à afirmação. Se se interpreta vontade de potência, como desejo de dominar, faz-se dela algo dependente dos valores estabelecidos. Com isso desconhece-se a natureza da *vontade de potência* como princípio plástico de todas as avaliações e como força criadora de novos valores. *Vontade de potência* significa, “criar”, “dar” e “avaliar”.

Entendendo dessa forma, a vontade de potência o situa muito além do bem e do mal o super-homem nietzschiano e o faz desprender-se de todos os produtos de uma vida decadente.

Nesse contexto, a pedagogia moderna outorga aos homens o direito de viverem de acordo com os seus pensamentos, sem a sua submissão aos valores, a moral e aos dogmas tradicionais e eternos. Assim, exige que a educação identifique desde cedo o ponto forte de cada aluno e dirija então todas as suas forças, todas as suas energias e todo o brilho do sol sobre ele, a fim de tornar madura e fecunda todas as suas virtudes. Que o educador tire proveito de todas as forças existentes, cultive-as e faça reinar entre elas uma relação harmoniosa.

Nietzsche defende uma educação que seja capaz de formar a “vontade de poder”, quer dizer, de favorecer a arte de viver acima do bem e do mal e mesmo acima do verdadeiro e do falso. Unir educação e vida de modo que não seja necessário um ideal – ou definir um ideal tal que a vida real não seja necessária – eis os dois extremos do pensamento pedagógico da nossa época.

Nietzsche acredita que a vontade última da natureza é a criação do homem perfeito, o super-homem. Dizia: “*Morram milhares e milhões de infra-homens, ou semi-homens – contanto que apareça o pleni-homem*”.

Pedagogia da existência

Permeando toda a obra de Nietzsche, encontramos muito bem caracterizada a pedagogia da existência, assim como também nas obras de Kierkegaard² e de Stirner³. Toda a sua filosofia tem um caráter existencial, ou seja procura mergulhar nos problemas fundamentais da vida humana. Tem como expoente a idéia de que o indivíduo é uma pessoa que não se repete, é única e é condenada a ser ela mesma, devendo recomeçar perpetuamente uma luta dramática para se tornar ela própria, porquanto aspira a algo mais elevado do que ela. É um processo dramático do homem tornando-se interiormente um homem.

“A pedagogia da existência incita o indivíduo a opor-se corajosamente às pressões interiores e exteriores e, resolutamente a só si apoiar em si mesmo. Por que concebe que nem todos são capazes de o realizar, divide sem hesitação os homens em fracos e em fortes; põe à margem os fracos, que cedem a diversas formas de ideal, e faz a apoteose dos fortes que vivem de acordo com a sua própria vontade, da qual extraem os critérios de bem, e de mal e, mesmo, os de verdade e erro”. (Suchodolski, 1992, p. 60)

A pedagogia da existência alcançou notoriedade com o pensamento nietzschiano. Ele atacou a pedagogia da sua época, nomeadamente as tendências democráticas do ensino e as tentativas realizadas para ligar mais intimamente a escola às necessidades econômicas e sociais do país: defendeu, assim, um ideal de escolas -santuários destinadas aos eleitos, nas quais seriam administradas uma “ciência alegre” e, portanto, livre de qualquer laço em relação à verdade objetiva e à moral humanista, escolas-santuários para “almas nobres”, capazes de viverem à sua maneira e de se entusiasmarem pelas sublimes conquistas.

Nietzsche rejeita uma “lista de preceitos morais” que considera ser uma criação da fraqueza e do ressentimento, defendendo assim uma educação que deveria formar “a vontade de poder”, quer dizer a arte de saber viver acima do bem, do mal e mesmo, acima do verdadeiro e do falso.

No plano pedagógico, os pensamentos deste filósofo foram utilizados com muita moderação, não foram feitas referências aos super-homens, aos fortes e aos fracos, as “almas nobres”, nem à vontade de poder.

² A pedagogia da existência preconizada por Kierkegaard queria destruir todos os refúgios “objetivados” da vida religiosa, com o fim de suscitar o máximo esforço pessoal de cada homem.

³ A filosofia de Stirner implica uma pedagogia da existência segundo a qual a vontade egoísta dos eleitos e do menor número deveria ter a coragem de se opor a qualquer ideal comum, ou a qualquer norma comum.

A pedagogia da existência, teoria radical da pedagogia colocada a serviço da individualidade, foi defendida na Alemanha por Gaudig, mas teve sua origem em Nietzsche. “Deriva deste filósofo um dos argumentos fundamentais que defende a tese de que aos alunos mais dotados devem ser dedicados cuidados especiais, em detrimento de todos os outros; o princípio que impõe que a escola se desligue das necessidades sociais e que se empenhe em cultivar as personalidades excepcionais, inspira-se igualmente em Nietzsche.” (Suchodolski, 1992, p. 62)

Conclusão

“Não sou, por exemplo, nenhum bicho-papão, nenhum monstro de moral – sou até mesmo uma natureza oposta à espécie de homem que até agora se venerou como virtuosa. Entre nós, parece-me que precisamente isso faz parte de meu orgulho. Sou um discípulo do filósofo Dionísio, preferiria antes ser um sátiro do que um santo. Mas simplesmente leia-se este escrito. Talvez eu tenha conseguido, talvez este escrito não tenha tido nenhum outro sentido, do que trazer à expressão essa oposição, de uma maneira serena e humanitária. A última coisa que eu me prometeria seria “melhorar a humanidade”. (Nietzsche, 1986, p. 39, 40)

Nietzsche apresentou-se assim para a humanidade, além de fazer um apelo a leitura de seus escritos. Li Nietzsche e não pude furtar-me as seguintes indagações:

- O que de fato pretendia Nietzsche? Conquistar o sentimento de uma plena irresponsabilidade, tornar-se independente do louvor e da censura, do presente e do passado?
- Como sistematizar os princípios Nietzscheanos referentes a educação, se estes consistem na manutenção do espírito livre, se critica a imposição de normas de comportamento e maneiras de pensar?
- Talvez o caráter de extemporaneidade ainda venha a permanecer por mais umas longas décadas, mas com certeza subsidiará novas e necessárias tendências pedagógicas que abrirão novos horizontes, pois “recordar o futuro” faz parte do projeto de Nietzsche. Poderá vir a ser o nosso projeto de educação?

São questões pertinentes que deverão ser ruminadas pelos educadores de hoje objetivando recuperar Nietzsche e toda a sua filosofia, toda a sua inquietude irremediável, toda a sua loucura necessária, para que se instale o homem na sua pura humanidade, na sua legítima existência.

Concluo essa reflexão rememorando “A Senha de Ouro” de Nietzsche, que prevê: “Ao homem estão impostas muitas cadeias, para que desaprenda de se portar como um animal: e efetivamente ele se tornou mais suave, mais espiritual, mais alegre, mais atento, do que são todos os animais. Mas agora ele ainda sofre por ter carregado tanto tempo suas cadeias, por ter-lhe faltado tanto tempo ar mais puro e movimentação mais livre: – essas cadeias, porém, eu o repito sempre e sempre de novo, são aqueles graves e significativos erros das representações morais, religiosas, metafísicas. Somente quando a doença das cadeias estiver superada, estará alcançando inteiramente o primeiro grande alvo: separar-se o homem dos animais. – Agora estamos no meio de nosso trabalho de retirar as cadeias e precisamos de máxima cautela nisso. Somente ao homem enobrecido pode ser dada a liberdade do espírito; somente dele se avizinha a facilitação da vida e unge suas feridas; ele é o primeiro que pode dizer que vive em função da alegria e de nenhum outro alvo; em qualquer outra boca seria perigoso seu lema: paz em torno de mim e uma satisfação com todas as coisas mais próximas”. (Nietzsche, 1978, p. 150 e 151)

Que nossas escolas possam ajudar o homem nessa tarefa árdua de retirar as cadeias permitindo-lhe alçar vôo, rumo a um futuro mais promissor.

Bibliografia

- CLARET, M. *Nietzsche - Vida e Pensamento*. São Paulo, Ed. Martin Claret, 1997
- DIAS, R. *Nietzsche Educador*. São Paulo, Ed. Scipione, 1993.
- FREIRE, P. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*: Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1982.
- LIBÂNEO, J. *Democratização da Escola Pública. A pedagogia crítico-social dos conteúdos*; São Paulo, Edições Loyola, 1992.
- LIMA, L. *Mutações em educação segundo MC Luhan*: Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1982.
- LINS, D; COSTA, S; VERAS, A. *Nietzsche e Deleuze – Intensidade e Paixão*: Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*: São Paulo, Ed. Max Limond, 1995.
- _____. *A Origem da Tragédia*: São Paulo, Ed. Moraes, 1984.
- _____. *Assim falou Zarathustra*: Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997
- _____. *O Anticristo*: São Paulo, Ed. Moraes, 1994.
- _____. *Fragments Póstumos*: Vol. 3, p. 132
- RODRIGUES, N. *Lições do Príncipe e outras Lições*: São Paulo, Cortez Editora – Autores Associados, 1984.
- SOUZA, A. C. *Nietzsche: Vida e Obra - Os Pensadores: In O Portador*: São Paulo. Ed. Abril, 2ª ed., 1978.
- STRATHERN, P. *Nietzsche em 90 Minutos*: Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- SUCHODOLSKI, B. *A Pedagogia e as Grandes Correntes Filosóficas*: Lisboa, Portugal, Livros Horizonte, 1992.